

Ser filólogo clássico nos anos 20 do século XXI

Pascale HUMMEL & Rafael SILVA
(editores)

Textos de

Jacyntho Lins BRANDÃO

Júlia Batista Castilho de AVELLAR

Olimar FLORES-JÚNIOR

Pascale HUMMEL

Rafael SILVA



Copyright © 2024 by Philologicum

Publicado no Brasil por Editora Madamu sob licença de Pascale Hummel-Israel.

Projeto Gráfico: KOPR Comunicação, com imagem @Depositphotos.

Impresso no Brasil.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Madamu

Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP

CEP 03128-010 — Fone: (11) 2966 8497

www.madamu.com.br

E-mail: leitor@madamu.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR2)

S481 Ser filólogo clássico nos anos 20 do século XXI / Rafael Guimarães Tavares da Silva; Pascale Catherine Hummel-Israel, editores. 1 .ed. – São Paulo: Madamu, 2024.
168 p.; 21 cm.

ISBN: 978-65-86224-68-9

Inclui referências

1. Filologia. I. Silva, Rafael Guimarães Tavares da. II. Hummel-Israel, Pascale Catherine. III. Título.

CDU 801

Elaborado por Simone Cadengue Ladislau – CRB-8/6350

Índice para catálogo sistemático:

1. Filologia

Índice

Nota preliminar: <i>Ser filólogo clássicos nos anos 20 do século XXI... no Brasil</i> Rafael SILVA	07
Prolegômenos: as (pa)lavras de um projeto Rafael SILVA	11
Agradecimentos	15
À guisa de introdução: pensamentos de depois Pascale HUMMEL	17
O filólogo clássico: entre sujeito e objeto Pascale HUMMEL	25
A tarefa do filólogo Jacyntho Lins BRANDÃO	35
Discussão	43
A metafilologia: a favor ou contra a filologia Pascale HUMMEL	59
Metafilologia, uma via “através” da filologia: entre estudos clássicos e estudos literários Júlia Batista Castilho de AVELLAR	69
Discussão	86

Línguas e linguagem da erudição filológica	
Pascale HUMMEL.....	107
A filologia, sua erudição, suas línguas e sua linguagem	
Olimar FLORES-JÚNIOR.....	119
Discussão.....	140
À guisa de conclusão: Nós, metafilólogos	
Pascale HUMMEL.....	159
Sobre os Conferencistas.....	165

NOTA PRELIMINAR

SER FILÓLOGO CLÁSSICO NOS ANOS 20 DO SÉCULO XXI.. NO BRASIL

Rafael Silva

*Man glaubt es sei zu Ende mit der Philologie —
und ich glaube, sie hat noch nicht angefangen.*

Acredita-se que a Filologia esteja no fim —
e eu acredito que ela ainda nem começou.

Friedrich Nietzsche (1875)¹

Todas as informações necessárias para que o público-leitor situe a presente obra, em termos de suas motivações iniciais, sua elaboração e seus primeiros encaminhamentos, estão apresentadas nos textos que se seguem nas próximas páginas, especialmente em “Prolegômenos: As (pa)lavras de um projeto” (assinado por mim) e “À guisa de introdução: Pensamentos de depois” (assinado por Pascale Hummel). Nós, filólogos autores desses dois textos, atuamos como os editores responsáveis pela organização do volume, oferecendo aí todos os detalhes dessa colaboração no âmbito de um projeto

1. Trecho extraído das notas que Nietzsche compõe para aquela que inicialmente teria sido a quarta de suas *Considerações intempestivas* [*Unzeitgemässe Betrachtungen*], prevista com o título de *Nós, filólogos* [*Wir Philologen*], ainda que esse material não tenha sido concluído nem publicado em formato de livro pelo autor. Uma tradução dessas notas para o português acaba de ser publicada por mim, precedida por um estudo introdutório e notas, além de um prefácio de James I. Porter e um posfácio de Pascale Hummel. Ver: Nietzsche, Friedrich. *Nós, filólogos*. Trad. Rafael Silva. Araçoiaba da Serra, SP: Editora Mnêma, 2024, p. 89.

coletivo que envolve ainda a participação de Jacyntho Lins Brandão, Júlia Batista Castilho de Avellar e Olimar Flores Júnior. Esta nota preliminar vem apenas acrescentar *a posteriori* alguns esclarecimentos relativos ao processo de publicação do presente título no Brasil.

Concebida originalmente como uma obra bilíngue (francês/português), com publicação na França, sob os auspícios da prestigiosa editora Philologicum, a obra vem com um título duplo, prenunciando seu diálogo transatlântico: *Être philologue classique dans les années 20 du XXIe siècle / Ser filólogo clássico nos anos 20 do século XXI*. Após um ciclo virtual de conferências apresentadas em francês, a ideia de publicar por escrito esses trabalhos em versão bilíngue surgiu do interesse comum de tornar seu conteúdo acessível a mais pessoas, levando em conta a composição linguística multicultural do público dessa equipe franco-brasileira. Para isso, prontifiquei-me a fazer o trabalho de tradução de todos os textos, sempre sob a supervisão de seus respectivos autores. Ao longo desse processo, que incluiu ainda um trabalho cuidadoso de revisão e edição desse material por parte dos dois editores, permanecíamos atentos às eventuais dificuldades de distribuição que uma obra publicada apenas na França poderia enfrentar para chegar ao público brasileiro. Foi então que uma sugestão feita em momento oportuno propiciou o contato com a editora Madamu.

Após uma primeira conversa muito alvissareira com o editor Marcelo Toledo, uma nova colaboração teve início com o propósito de viabilizar a publicação da versão em português do texto também no Brasil. Essa decisão foi tomada com o intuito de permitir que o material estivesse ao alcance do público brasileiro de maneira mais direta e acessível, promovendo a democratização de importantes discussões no país. Agradecemos, portanto, a boa acolhida que nossa proposta encontrou junto ao Marcelo, representante desse novo bastião dos Estudos Clássicos no Brasil, a editora Madamu. O material ora publi-

cado não inclui a versão original do texto (em francês), ainda que os textos em português dados a lume aqui sejam idênticos àqueles da parte lusófona da versão bilíngue publicada pela editora Philologicum.

Pelo apoio incondicional ao longo desse processo, agradeço a cada um dos parceiros envolvidos no trabalho, especialmente à Sra. Hummel, cuja excelência – encarnada nas quatro virtudes filológicas da erudição, da paciência, da constância e da sabedoria – propiciou a realização do que muitas vezes pareceu impossível.

PROLEGÔMENOS

AS (PA)LAVRAS DE UM PROJETO

Rafael SILVA

Se, ao modo de seus arquétipos mitológicos, olhar-se no espelho expõe os Narcisos e as Medusas modernas a um risco certo (ainda que não necessariamente fatal), o caso dos filólogos, por sua vez, apresenta-se de modo bem diferente. Enquanto a tarefa desses últimos consiste geralmente em se preocupar com textos e línguas, em grande parte associados ao patrimônio da Antiguidade dita clássica (isto é, greco-romana), mas também da oriental, a utilização de um método de leitura atenta inclui o reconhecimento da participação do leitor no ato interpretativo. Daí a importância da capacidade de se olhar no espelho, encarar sua própria imagem, olhos nos olhos, sem medo nem complacência. Ora, é precisamente isso que Pascale Hummel propõe através de sua atividade filológica há várias décadas.

No momento em que comecei a escrever minha tese de doutorado, em 2019, intitulada *O Evangelho de Homero: Por uma outra história dos Estudos Clássicos*, descobri a obra incontornável dessa estudiosa francesa. Desde as primeiras páginas do livro *Histoire de l'histoire de la philologie* (2000), detectei o poder de um pensamento original e novo, aliando a profundidade da investigação historiográfica com a flexibilidade de uma inteligência rigorosa e crítica. O olhar analítico que ela lança sobre sua disciplina e a história desta última permite-lhe, com efeito, examinar não somente os elementos constitutivos da prática filológica, mas também o quadro institucional e disciplinar no interior do qual essa prática se exerce. A esse respeito, o nome de Pascale Hummel pertence de pleno direito ao círculo restrito daqueles que – como John

Edwin Sandys, Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff, Gaetano Righi, Arnaldo Momigliano, Rudolf Pfeiffer e Franco Montanari – escrevem a história da filologia, enquanto se esforça para ultrapassar a abordagem antiquária tradicionalmente reservada a esse campo disciplinar. No caso em questão, essa orientação explica-se, entre outros motivos, pela frequência assídua da obra de grandes pensadores, mais particularmente do pensamento crítico de Friedrich Nietzsche, ele mesmo filólogo de formação, intimamente convencido da pertinência de uma atividade filosófica colocada a serviço da *Zukunftsphilologie*. Uma tal “filologia do futuro” funda-se na leitura paciente e escrupulosa dos textos, no estudo aprofundado das línguas, assim como na determinação do lugar do filólogo no mundo e na história mundial face a esses mesmos textos e línguas. Esse procedimento hermenêutico permeia o conjunto de trabalhos da Sra. Hummel, como não cessei de constatar durante a leitura de obras como *Philologica lyrica. La poésie lyrique au miroir de l'érudition philologique de l'Antiquité à la Renaissance* (1997); *Philologus auctor. Le philologue et son œuvre* (2003); *Philologia. Recueil de textes sur la philologie* (2009), e muitas outras. Fui tomado de grande admiração por esse pensamento, e por essa razão resolvi escrever-lhe no início do ano de 2021.

Cara Sra. Hummel,

Admiro muito seus trabalhos sobre a história da filologia. Atualmente estou redigindo uma tese de doutorado na qual tento desenvolver a ideia de que esse campo de pesquisa desempenha um papel fundamental na formação daqueles que trabalham hoje com a Antiguidade. Pergunto-me se seria possível organizarmos uma entrevista virtual, a fim de divulgar seus trabalhos entre nós, brasileiros, tendo em vista tornar mais conhecido esse campo de estudo no Brasil e na América Latina. O que você acha?

Atenciosamente, Rafael Silva

O entusiasmo cordial com que a Sra. Hummel acolheu essa mensagem – bastante desajeitada, de resto – permitiu-nos iniciar uma correspondência que prossegue há vários anos. Com ela, meu trabalho de doutorado amadureceu lentamente, enquanto refletíamos sobre a melhor forma de assegurar a divulgação dessas questões junto ao público brasileiro. Durante nossas trocas, surgiu-nos a ideia de propor um evento virtual, sob a batuta da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC), com transmissão aberta ao público em geral, acerca do tema “Ser filólogo clássico nos anos 20 do século XXI”.

A Sra. Hummel elaborou um programa de três encontros consagrados a vários temas complementares: O filólogo clássico: entre sujeito e objeto; Metafilologia: a favor ou contra a filologia; Línguas e linguagem da erudição filológica. Acolhi esse programa com prazer, e decidimos convidar três professores brasileiros a fim de diversificar o conteúdo das trocas. Para a abertura, escolhemos o nome de Jacyntho Lins Brandão, professor de língua e literatura grega na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), cujos trabalhos centram-se em Luciano, no romance grego, na história dos Estudos Clássicos no Brasil, e incluem uma produção recente em domínio orientalista (como tradutor do *Enuma Elish*, do *Gilgamesh* etc.); para o segundo encontro, Júlia Batista Castilho de Avellar, professora de língua e literatura latina e de filologia românica na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que estuda Ovídio, a elegia latina em geral e sua recepção na Europa desde o Renascimento, bem como essa mesma tradição literária no Brasil; para a conclusão, Olimar Flores Júnior, professor de língua e literatura grega da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), cuja atividade se concentra no cinismo, na filosofia helenística e imperial romana (Plutarco, Diógenes Laércio etc.), bem como sua recepção desde o Renascimento.

A adesão entusiástica dos convidados permitiu-nos dar forma a um evento polifônico, organizado ao longo do primeiro semestre de 2023, no qual a filologia se encontrou, por assim dizer, convidada a responder de viva voz a uma interrogação sobre si mesma, na encruzilhada entre seu futuro, seu presente e seu passado. A ousadia com que cada participante se apresentou, abordando de frente certos aspectos da prática filológica, de uma perspectiva pessoal sempre respeitosa das modalidades de uma partilha intelectual com a comunidade científica, explica o sucesso que o evento obteve junto a um público relativamente grande e constante.

A fim de preservar o registro das ideias expostas durante esse triplo evento, a Sra. Hummel propôs que eu editasse com ela seu conteúdo. Vista a originalidade de sua abordagem, o resultado não deixará de interessar aos praticantes da filologia, tanto na Europa quanto na América, e certamente também em outros lugares, donde a escolha de uma publicação bilíngue – em francês e em português – com a ideia de atingir o público mais amplo possível².

Cada colaborador foi, então, convidado a redigir uma versão final do que propôs e defendeu durante as discussões *online*. As páginas que se seguem são o fruto desse esforço coletivo: desejamos que o presente trabalho pareça ousado, fiel a uma filologia capaz de se encarar no espelho, sem medo nem risco de se enamorar pela própria imagem, ou de se petrificar face ao espetáculo dos horrores aninhados no fundo de si mesma.

Cabe agora às leitoras e aos leitores julgar se o *logos* empregado nesse esforço esteve à altura das intenções apresentadas.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer por seu apoio institucional na organização das videoconferências que estão na origem desta coletânea de textos

à SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS CLÁSSICOS (SBEC),
nas pessoas de
sua Presidente (2022-2023)
Sra. Jovelina Ramos,
Professora de Filosofia Antiga na Univ. Federal do Pará (UFPA),

assim como
sua Presidente de honra,
Sra. Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho,
Professora de Filosofia Antiga na Univ. Federal de Minas Gerais
(UFMG).

Expressamos-lhes o mais vivo reconhecimento pelo apoio dado a nosso projeto, com vistas à promoção dos Estudos Clássicos no Brasil e no mundo, numa época particularmente complexa da história da humanidade.

2. Salvo menção contrária para as passagens atribuídas a outros tradutores, os textos redigidos em francês foram traduzidos em português por Rafael Silva com o aval de seus autores respectivos.

À GUIA DE INTRODUÇÃO

PENSAMENTOS DE DEPOIS

Pascale HUMMEL

O tempo existe? Paradoxalmente, não, responde Aristóteles na *Física*, uma vez que ele é composto de passado, que não existe mais, de porvir, que não existe ainda, e do presente efêmero, que desaparece à pena aparecido. O tempo não é movimento (o qual pode ser mais ou menos rápido, à diferença do tempo), mas não existe sem a mudança (do tempo é passado, diz-se, assim que se percebe uma mudança); o tempo não é nem o movimento nem sem a mudança: ele é então necessariamente algo do movimento. Quando percebemos um antes e um depois, dizemos então que há tempo, pois eis o que é o tempo: “o número do movimento segundo o anterior e o posterior”. O tempo, sendo medida do movimento, é por conseguinte número.

Uma investigação intitulada “Ser filólogo clássico nos anos 20 do século XXI” interroga as formas do tempo tanto quanto sua ausência: temporalidade, atemporalidade, intemporalidade, inatualidade, intempestividade, todos avatares lexicais (radical latino) de uma realidade universal (pancrônica, acrônica, ucrônica) orquestrada pelos próprios deuses do Olimpo (lado grego do mito etiológico).

Cada palavra do título revela-se desde então uma caixa de Pandora tão arriscada quanto inesgotável:

ser: ser ou não ser, torna-te o que/quem tu és, ser ou ter, ser ou existir, o ser e o nada;

filólogo: vocábulo raro, enigmático, poético, especializado, dessueto, de emprego reservado e de uso codificado, tão difícil a explicar quanto doce a articular (aliteração em líquidas, assonância em [o]);

clássico: antigo e moderno, classicismo e modernismo, antiguidade clássica, época e estilo, autores clássicos, livros de classe, cheiro de coisa antiga, velho móvel de gavetas, suspeita de fechado;

anos 20: uma vez em todos os cem anos, uma década por século, anos loucos, crise e tragédias, mutação civilizacional e ciclo antropológico, eterno retorno do mesmo;

século XXI: contemporâneo (hoje, esperando amanhã), milenarismo, utopia e contrautopia, antecipação, ficção científica, espiritual ou não, calendário gregoriano, *anno Dei*, dever de memória, aniversários e centenários, direito ao esquecimento, obsessão do arquivo e hipertrofia do traço, negacionismo e amnésia, pseudo-história e recentismo, verdade oficial, 11 de setembro e pandemia, nova ordem mundial, *damnatio memoriae*, *cancel culture* e wokismo, apocalipse e parusia, segundo advento prometido.

Admitir a pertinência de uma justaposição programática de termos tão banais, e quase indiferentes, quanto [ser-filólogo-clássico-nos.anos.20-do.século.XXI] supõe em aparência a adesão sincera ou fingida a significantes e referentes pré-existentes, a menos que se veja numa tal concatenação a provocação irônica de uma simplicidade falaciosa proposta à autoderrisão crítica. Sob os exteriores inocentes da evidência, uma só e simples linha esconde a totalidade dos princípios, impulsos e pressupostos que há dois mil anos ditam a fábrica da história (escolar e oficial) da filosofia e da religião (judaico-cristã), das ideias e do pensamento (antes de tudo ocidental): recorte

cronológico, periodização por séculos, delimitação de correntes e de movimentos, evoluções e revoluções, teorias e experimentações, teleologia e finalismo.

O sentido primeiro (que se impõe de imediato) interessa à grande História: aquela – coletiva – do mundo e da humanidade. O outro sentido – individual – (que o leitor pensará num segundo momento) se relaciona com a história pessoal (quicá íntima) de cada ator da filologia na longa duração de sua história (coletiva). Os séculos são a medida de um, os anos a do outro.

“Os anos” justamente... Eu termino, não por acaso, esses dias a releitura da obra completa de Annie Ernaux, cujas muitas páginas (origem social, desenraizamento, busca e conquista do saber, atenção super aguçada à linguagem, cumprimento de um destino) poderiam ser minhas, se eu tivesse feito a escolha de uma escrita autobiográfica e literária, em vez daquela (até aqui) da erudição (filológica). A narrativa intitulada planamente de *Os Anos* (2008) evoca, sem outra lógica que aquela (subjéctiva) da memória que os debulha, os eventos (pequenos e grandes), os hábitos e modos (de vida, de linguagem, de pensamento), tendo marcado a história coletiva (da França e do mundo) e a história familiar/pessoal da autora sobre a duração longa dos mais de sessenta anos (1941-2006) transcorridos desde seu nascimento.

Nenhuma obra (literária ou artística), nenhuma ciência se pratica ao abrigo nem *in vitro*: mesmo as torres de marfim (materiais ou mentais) imaginadas por alguns não bastam para os proteger do mundo tal como ele vai e vem. A filologia desde sempre existe simultaneamente no tempo e fora dele. Cada novo filólogo, cujo nome vem se juntar à cadeia secular dos operários do Sentido e do Verbo, vive e opera em seu tempo, o único que ele habita e do qual é contemporâneo. A existência do filólogo conta-se em anos, a da filologia, em séculos.

O Verbo (o qual no começo estava à disposição de Deus) pertence à eternidade, e aquele/aquela que o serve se encontra assim tendo parte com a vida eterna.

Escrevo estas linhas neste ano de 2023, no qual eu mesma atingi uma certa idade e cheguei a uma nova década, sem o menor medo de ser velha ou de vir a me tornar. Os livros que escrevi já pertencem ao (meu) passado, inscrevem-se na história de uma disciplina humanista que eu pratico há meio século (sucessivamente como aluna, estudante, doutoranda, pesquisadora e professora, editora e autora) e retracam as etapas de uma caminhada intelectual.

Face ao desconhecido (*vulnerant omnes, ultima nequit*) do ponto final (escolhido – por decisão de parar tudo, ou simplesmente fatal), autorizar-se à guisa de primeiro balanço a leve pitada de alguns arrependimentos, talvez. Evitar, em vez disso, o tormento da maceração (traços existenciais detectáveis na quintessência erudita e na impessoalidade conceitual), a imobilidade do embalsamamento, o fedor da estagnação, o repisar da tarefa repetitiva. Nojo de reler (como de redizer), de repensar o pensado, de usar palavras já usadas, de se satisfazer com o cumprido, de remastigar o terminado. Empregar-se a percorrer o caminho da verdade e sobretudo a vida. Acolher o tremor do que está vivo. Ter prazer em se co/mover com as alegrias do espírito, resistir à tentação do contingente.

Uma existência, de filóloga e de nômade, incansavelmente tendente ao alhures. O tempo e o espaço numa mesma trajetória sem rumo conhecido nem premeditado.

Através dos meandros da Teia, um jovem pesquisador brasileiro um dia assim veio até mim: os Prolegômenos da presente obra relatam esse encontro e as trocas tecidas em seguida. Um espaço foi encon-

trado para reaproximar os continentes (a América Latina e a África): aquele virtual, de um seminário à distância, cujas modalidades são detalhadas aqui mesmo nas primeiras páginas. A ideia e sua realização revelaram-se não somente um sucesso, mas sobretudo uma ocasião de partilha intelectual, como raramente é dado de se viver no meio universitário e erudito.

Eu não saberia dizer quão imenso prazer tive em trabalhar (desde a preparação inicial – passando pela redação dos textos de difusão e a concepção gráfica dos pôsteres – até a releitura final das provas textuais) com essa equipe de pesquisadores brasileiros cujas probidade intelectual e excelência só encontram equivalente em sua impecável elegância humana e moral. Em tais almas a chama do humanismo e da filologia continua a queimar da maneira mais bela e nobre: cada linha deste livro mostra bem quais virtudes e valores seguramente as habitam.

*Para Mina
In memoriam Mino*

SÉRIE 1

A reflexão dirige-se à articulação/equilíbrio entre objetividade e subjetividade na prática filológica atual – por comparação com um período anterior cujas características e cronologia convém precisar – e na erudição contemporânea em geral. Muitos constatam, e deploram, um deslizamento em direção ao egotismo: o filólogo/estudioso/pesquisador faz um nome para si graças a seu objeto, em vez de se apagar, colocando-se a serviço deste último. Abordam-se as mudanças de postura do estudioso ao fio dos séculos, bem particularmente no curso das décadas recentes. Os palestrantes testemunham sobre sua própria prática e aquela(s) de seus colegas (ou estudantes).

(Texto programático de Pascale Hummel)

O FILÓLOGO CLÁSSICO: ENTRE SUJEITO E OBJETO

Pascale HUMMEL

RESUMO

Reflexões sobre a identidade do filólogo a partir de referências e passagens extraídas da série de notas reunidas sob o título Wir Philologen / Nós, filólogos (1874), em que Friedrich Nietzsche cita notadamente um apotegma traduzido pelo orientalista Otto von Böhtlingk e um adágio latino de origem estoica coligido por Erasmo.

Eu agradeço à SBEC por ter aceitado este dispositivo de videoconferência, e bem particularmente ao Sr. Rafael Silva, com quem eu tive grande prazer em me corresponder previamente há vários meses; eu não duvido que nossa sessão será tão agradável quanto os preparativos dos quais uns e outros participaram.

Cabe a mim, então, introduzir esse segmento inicial.

No outono de 1874, Friedrich Nietzsche tem trinta anos. Sob o intitulado programático – e falsamente transparente – de *Wir Philologen*, ele consigna sem ordem nem preocupação de encerramento argumentativo ou estilístico uma série de notas e ideias deixadas em estado fragmentário de um esboço destinado a fazer parte integrante do vasto conjunto conhecido sob a denominação de *Considerações* (para ficar aqui apenas no substantivo – cuja tradução é ela mesma discutível – do título, que de propósito eu ora amputo de seu epíteto problemático).

As linhas colocadas como epígrafe de *Wir Philologen*³ são extraídas da obra *Indische Sprüche*, cuja segunda edição (bilíngue sânscrito/alemão) em três volumes aparece entre 1870 e 1873, simultaneamente em São Petersburgo, Riga e Leipzig. O editor-tradutor não é outro se não Otto von Böhtlingk (1815-1904), um indianista e sanscritólogo germano-russo de renome, autor notadamente do primeiro dicionário

3. Texto citado a partir da edição Colli-Montinari. *KSa 8. Nachgelassene Fragmente 1875-1879*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag; Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1988, p. 11 e seguintes.

rio sânscrito-alemão, na via aberta pelo distinto Franz Bopp (1791-1867), o célebre fundador da gramática comparativa.

Sem ser um comparatista propriamente dito, Nietzsche, ele mesmo filólogo (o “nós” do título *Wir Philologen* o inclui no retrato de grupo que ele propõe de sua profissão), não podia não ter conhecimento disso nesses anos de 1870, durante os quais, titular da cadeira de língua e literatura grega na Universidade da Basileia na Suíça, ele dispensa (sem grande sucesso de resto) cursos sobre a filosofia pré-platônica e a história da retórica antiga, enquanto redige os diferentes capítulos (dos quais alguns inacabados, deixados no estado de esboço) da súmula intitulada *Unzeitgemässe Betrachtungen* (uma fórmula cuja tradução eu reservo para a sequência deste desenvolvimento).

Esse microssincronismo (Nietzsche leitor de Böhlingk) seguramente não é insignificante: a aparição da filologia comparada difunde e populariza, até impô-la duravelmente, a ideia (hoje controversa) de *indogermanisch* (o equivalente português “indoeuropeu” sendo menos restritivo), chamada a desempenhar a função de conceito operatório (um pouco simplista) que iria servir por muito tempo de ferramenta ideológica tanto quanto intelectual para os fins (entre outros) de apoiar as teses hegemônicas de um eurocentrismo triunfalista e conquistador.

Da recolha de apotegmas e provérbios em versos sânscritos coligidos por Böhlingk, Nietzsche escolhe colocar como epígrafe o trecho seguinte:

Die Muschel ist inwendig krumm, aussen rauh; wenn sie beim Blasen brummt, dann erst bekommt man die rechte Achtung vor ihr: o que em português poderia se traduzir por “A concha é curva por dentro, rugosa por fora; é somente quando ela grunhe enquanto é soprada, que lhe damos a atenção adequada.” (KSA 8, 2[1], p. 11)

Esse parágrafo traduzido por Böhlingk do sânscrito em alemão precede uma outra sentença, sem precisão bibliográfica nem cronológica de qualquer sorte, que poderia bem ser uma pura invenção de Nietzsche ele mesmo: *Ein häßlich anzusehendes Blasinstrument: es muß erst geblasen werden*, que eu proponho traduzir por “um instrumento de sopro de aparência terrível: é preciso antes soprá-lo por dentro.” O desenvolvimento que segue visará, entre outros, elucidar esse incômodo enigma de duas histórias cruzadas de vazio e de vento.

Sobre o opúsculo *Wir Philologen / Nós, filólogos*, hoje tão célebre entre os eruditos de nosso tempo, plana assim desde a abertura a opacidade de uma adivinha ou de um mistério rico em pistas interpretativas: que vem fazer a concha ou a casca num texto propondo uma reflexão sobre as diferentes maneiras (KSA 8, 3[19], p. 20) de ocupar sua existência adulta (*der Mensch wählt den Beruf*), enquanto assume os riscos da sorte para em seguida melhor imputar esses últimos à intencionalidade teleológica (*Absichtlichkeit*) de uma finalidade providencial (*Vorsehung*)?

Verossimilmente encontrado em Erasmo (edição de 1515), onde figura sob a rubrica *Malum vertens bene*, a saber, mudar o mal em bem ou talvez também acolher de bom coração uma má fortuna, o adágio *bene navigavi, cum naufragium feci* (KSA 8, 3[19], p. 20) é herdeiro da tradição paremiológica latina, na qual ele circulou, sem dúvida por bastante tempo, como a tradução anônima e livre de um aforismo atribuído a Zenão de Cítio, o fundador do estoicismo (em grego, *nun eupeploëka, hote nenauagèka*). A fórmula, que repousa sobre um poderoso oximoro, pode se traduzir por “eu naveguei bem depois de ter naufragado”, ainda que outros prefiram a tradução “ter sofrido” ou “ter causado um naufrágio”, como é o caso de Arthur Schopenhauer (1788-1860), o filósofo do infortúnio, um outro contemporâneo de Nietzsche, que lhe atribui uma significação acordada a seu pessimismo determinista.

Esse aforismo em sutilidade bem metafórico (*bene navigavi, cum naufragium feci*, em latim no texto) serve a Nietzsche de atalho para ilustrar a negação do fracasso que consiste, para os negadores de seu próprio fiasco, em apresentar sua existência miserável como o resultado transcendido/subsumido de um desígnio providencial.

A identidade do filólogo, bem como sua missão, revela-se assim de um alcance não somente epistemológico, mas mais profundamente também antropológico, ontológico, quicá teológico.

Na veia irônica, quase humorística, do piadista sério que o caracteriza, Nietzsche continua ao colocar a questão da emergência do filólogo (*Entstehung*), dito de outra forma: como alguém se torna filólogo, e por quê? Uma interrogação à qual ele responde: (a) por mimetismo (*Nachahmung*); (b) por comodidade ou conforto (*Bequemlichkeit*), pois isso permite continuar o trabalho iniciado durante os anos de estudo; (c) por procura e necessidade de um ganha-pão (*Absicht auf Broterwerb*). Pois, acrescenta, 99% dos filólogos (*KSA* 8, 3[20], p. 20) não deveriam ser (*99 von 100 Philologen sollten keine sein.*)

A questão, por conseguinte, coloca-se acerca da sorte reservada a uma ciência (*Wissenschaft*) praticada por 99% de impostores.

Essa inadequação estrutural entre uma maioria (*KSA* 8, 3[21], p. 21) de incapazes (*ungeeignete Majorität*) e o objeto prestigioso que lhes cabe estudar e transmitir (uma vez que na época de Nietzsche a palavra *Philolog* designa também, e amiúde mesmo principalmente, a profissão de professor) acarreta o perigo para a “classidade” / *Klassizität* dos gregos e romanos (um termo difícil, figurando em itálico no texto, que eu transponho aqui simplesmente sem o traduzir), pois (ele diz) esses falsos filólogos (1) malfazem/maltratam os antigos (*Missverhältniss*); (2) são inaptos a educar por meio da referência a esses antigos (*mit Hülfe der Alten zu erziehen*); (3) sua incompetência falseia a ciência ela mesma (*Fälschung*), cujas exigências e visadas (*KSA* 8, 3[21], p. 21) são negadas por ela (*Verleugnung*).

Daí a questão: a imitação da Antiguidade não equivale, por conseguinte, a uma fuga para fora da realidade (*KSA* 8, 3[16], p. 19) para melhor se refugiar junto aos antigos (*Flucht aus der Wirklichkeit zu den Alten*), com a percepção enviesada/falseada da Antiguidade ela mesma não sendo a menor das consequências de uma tal escapada diante da vida verdadeira; um ceticismo melancólico (*skeptisch-melancholisch Stellung*) encontra-se assim a caracterizar a maioria dos filólogos (*KSA* 8, 3[60], p. 30), pintados aqui como tristes senhores impotentes.

Enquanto ciência da [ou antes, tratando da] Antiguidade (*Die Philologie als Wissenschaft um das Alterthum*), a filologia não goza de uma longevidade perene (*hat natürlich keine ewige Dauer*): sua matéria pode se esgotar (*ihr Stoff ist zu erschöpfen*), continua Nietzsche (*KSA* 8, 3[62], p. 31). Inesgotável, em revanche, é o ajustamento sempre recomeçado de cada época à Antiguidade (*die immer neue Accommodation jeder Zeit an das Alterthum*), o fato de se medir com ela (*das sich daran Messen*). Se incumbe ao filólogo de compreender melhor sua época pelo meio (*vermittelst*) da Antiguidade, sua tarefa a partir de então confina com o eterno e pode pretender à imortalidade (*so ist seine Aufgabe eine ewige*).

Eis aí precisamente o paradoxo da filologia, sua antinomia (diz Nietzsche): a Antiguidade, com efeito, sempre se compreende *de fato* (*thatsächlich*) apenas a partir do presente (*man hat das Alterthum thatsächlich immer nur aus der Gegenwart verstanden*); é preciso desde então igualmente compreender o presente a partir da Antiguidade? O vivido (*aus dem Erlebten*), o que preenche a vida, serve para explicar a Antiguidade, e a Antiguidade assim constituída/apropriada (*aus dem so gewonnenen Alterthum*) serve para avaliar o vivido e o a-pre-ciar (*taxirt, abgeschätzt*). A experiência ou o viver (magnífico vocábulo, e tão difícil de traduzir, o alemão *Erlebniß*) revela-se assim a condição de possibilidade imperativa (*die unbedingte Voraussetzung*) à existência

do filólogo, ou dito de outra maneira: para ser fecundo, um filólogo deve a princípio ser plenamente homem/humano (*erst Mensch sein, dann wird man erst als Philolog fruchtbar sein*). Por inferência existencialista de certo modo, não seria possível existir um filólogo altruísta (*es giebt keine uneigennütigen Philologen*), uma vez que o fato de viver o e no presente (a saber, então, sua própria vida) parece incompatível com a aptidão para se tornar um [isto é, filólogo]. Consequência direta de um tal estado de fato: cabe à filologia conquistar (*erobern*) sua própria capacidade universal de educar e de instruir (*ihre allgemein erziehende Wirkung*).

O desconhecimento/ignorância (*Verkennung*) do pensamento helênico em sua totalidade (*KSA 8, 3[15]*, p. 19) explica-se pela atenção exclusiva dada ao indivíduo/al, pois (sempre segundo Nietzsche, *KSA 8, 3[22]*, p. 21) a filologia precisamente não tem por finalidade o filólogo (*Also der Philolog selbst ist nicht das Ziel der Philologie*). Os sofistas do segundo século, os poetas-filólogos do Renascimento, o filólogo mestre-de-escola/professor (*Schullehrer*), tal como o pintam Goethe e Schiller, constituem certos graus e etapas (*Stufen*) desse erro (*KSA 8, 3[15]*, p. 19).

Como sua vida mesmo o mostra, a maior parte das pessoas, com efeito, constata Nietzsche, visivelmente não se tomam de todo por indivíduos. Apenas os três estados/condições (*Existenzformen*) de filósofo, de santo e de artista (*KSA 8, 3[63]*, p. 32) permitem ao ser humano permanecer um indivíduo (*bleibt der Mensch Individuum*). O sábio, ele, arruína/saqueia (*totd schlägt*) sua existência, porque os objetos aos quais dedica sua atividade não têm nada a ver com o sentido da vida (*mit dem Sinne des Lebens*). A multidão inumerável dos homens não é então nada mais que o rascunho (*Vorbereitung*) do humano verdadeiro. Os filólogos podem assim ser definidos como o rascunho do filósofo, ou dito de outra maneira como um pré-homem ou um rascunho de homem.

O filólogo tradicional, antigo, clássico, segundo o adjetivo que se escolherá para acompanhá-lo, seria então um simples macaco ou mesmo um primata, cuja atividade (de natureza servil ou ancilar) o destina, quiçá o condena, ao mimetismo simiesco da pura reprodução parafrástica ou psitacista? A modernidade, em revanche, não a cronológica, de um hipotético traçado linear do tempo correndo em direção a uma perfeição final, mas a epistemológica, ou mais precisamente antropológica, conteria de sua parte a promessa do homem novo (o “filólogo do porvir”, como o próprio Nietzsche o qualifica nos capítulos seguintes desse opúsculo).

Ao grande número dos filólogos (*KSA 8, 3[38]*, p. 25) ineptos e inaptos (*unbefähigter Philologen*) opõe-se ao inverso um certo número de filólogos nascidos/inatos (*eine Zahl von geborenen Philologen*), mas que vem contrariar ou enterrar a má representação (*schlechte Repräsentation*) da filologia forjada pelos filólogos não tendo tido a sorte de serem tocados pela graça da vocação (*die unberufenen Philologen*). Numerosos, com efeito, são entre eles os chamados, e claramente mais raros os eleitos.

O dom para / a predisposição a / praticar a filologia (*spezielle Begabung*) não é nem hereditário nem transmissível (*keine Accumulation philologischer Fähigkeiten*), ironiza Nietzsche (*KSA 8, 3[50]*, p. 28). Nem o tempo, nem o sangue, aparentemente podem afetar a questão.

A imagem poética das sombras (*KSA 8, 3[51]*, p. 28) vaporosas do Hades (*Hadesshatten des Homer*) é assim empregada para caracterizar (ou antes, caricaturizar) o risível e insignificante filólogo. Pois mais vale ser um trabalhador diarista do que uma pálida reminiscência fantasmática ou exangue do passado (*eine leblose Erinnerung an Vergangenes*). A sobrecarga memorial (ou hiperamnésia) do filólogo (*Überspannung des Gedächtnisses*) que dá mostras de um espírito detalhista, tateante e limitado ocupa para ele um lugar de pensamento,